

## **Deus não está morto**

**Por**

**Amit Goswami, Ph.D.**

Para além de imagens simplistas e muito diversas de Deus que todas as religiões dão oferecem ao apelo popular, ao nível do seu núcleo esotérico, todas elas concordam que, para além das interacções materiais, existe outro agente de causalidade no mundo; e é a isto que chamam Deus. As religiões também concordam que, para além do nível material da realidade, que experimentamos fora de nós, existem outros níveis subtis de realidade que experimentamos quando olhamos para dentro. As religiões também concordam sobre um terceiro aspecto muito importante da divindade: devemos tentar manifestar qualidades divinas – como por exemplo o amor, beleza, justiça, verdade e o bem, - nas nossas vidas.

Quando não há muito tempo, o filósofo Nietzsche declarou: "Deus está morto", lamentou que as populares rendições religiosas de Deus fossem tão simplistas que já não podem guiar as pessoas para se aproximarem da divindade. Isto é verdade. No entanto, até hoje, muitos cientistas bateram num cavalo morto ao tentar refutar as populares imagens de Deus. Isto não é de todo útil. As verdadeiras questões, e todas estas são questões de ciência, são:

(1) Existe uma causa no mundo para além das interacções materiais?

(2) Existem níveis não-materiais subtis da realidade?

E (3) Existe alguma justificação científica da ética, que nos obrigue a perseguir a divindade nas nossas vidas?

A maioria dos cientistas de hoje diz directamente "Não", em resposta a estas perguntas, porque contradizem a sua metafísica do materialismo científico segundo a qual só existe matéria e as suas interacções, nada mais é real. No meu livro, "Deus Não Está Morto", também dou respostas, e todas elas são afirmativas. Sim, existe Deus.

Porque (1) existe um agente de causalidade para além da interacção material; (2) o que experimentamos internamente são mundos não-materiais subtis; e (3) não só devemos perseguir a piedade nas nossas vidas como a nossa evolução nos está a levar a manifestações cada vez melhores de piedade. No meu livro apoio estas afirmações tanto com teoria científica como com evidência empírica.

Acredite ou não, uma das mais conhecidas equações matemáticas da ciência prova a existência de Deus se examinada dentro do novo contexto que estabelecemos. É chamada "equação de Schrödinger" e é a equação fundamental da física quântica. Os

físicos aplicam esta equação para o estudo de muitos objectos e muitos eventos; nestas circunstâncias, a equação prevê resultados (estatisticamente) determinísticos e por isso a maioria dos físicos sente falta de Deus na equação. A pergunta correcta a fazer é : como é que esta equação se aplica a um único objecto num único evento?

O problema é que a equação de Schrödinger representa objectos não como "coisas determinadas", mas como ondas de possibilidade de entre as quais a consciência Pode escolher. Como é que sabemos isto? Porque sempre que olhamos para um objecto quântico, um electrão por exemplo, não vemos possibilidades (um electrão em locais diferentes ao mesmo tempo) - mas um electrão num lugar real, uma actualidade. Portanto, devemos escolher onde o electrão actua!

Vamos mais fundo. Se nós (a nossa consciência) somos capazes de converter a possibilidade em realidade, a nossa consciência não pode ser um produto do cérebro ou qualquer outro objecto material, uma vez que todos os objectos materiais obedecem à física quântica e devem ser apenas possibilidades. Portanto, a consciência como agente não-material de escolha é um agente causal! Será que descobrimos Deus?

Não, dizem os cientistas, e até certo ponto eles estão certos. O acima exposto levanta o paradoxo do dualismo, se pensarmos na consciência de escolha ou Deus como um agente separado de nós, como fazem as religiões populares. Para ver isto, faça a simples pergunta: como é que um Deus não-material interage com o mundo material? Não o pode fazer sem um mediador. Mas um mediador requer energia. E a energia do mundo físico é uma constante; a energia nunca passa do mundo material para um mundo de Deus e vice-versa.

No núcleo esotérico, os mestres das várias religiões compreenderam a situação na perfeição. Deus não está separado do mundo material, é ao mesmo tempo transcendente e imanente. Mas o que querem eles dizer? Até há pouco tempo, tanto os cientistas como as pessoas comuns, não foram capazes de penetrar na sabedoria destas palavras. Assim, os cientistas ignoram-nas e as pessoas comuns continuam a pensar em Deus como um agente duplo de causalidade. A compreensão adequada da física quântica resolve o impasse.

O conceito quântico que é verdadeiramente radical e que está a mudar a nossa visão do mundo chama-se não-localidade. A matéria consiste em ondas de possibilidade dentro da consciência, que é o terreno de todo o ser. A consciência escolhe uma faceta da onda

de possibilidade quântica multifacetada e converte a possibilidade na realidade dessa faceta escolhida, mas não há dualismo porque a consciência faz a escolha não-local sem sinal. É a escolha a partir de si mesma.

É como Esperar por Godot: temos procurado Deus e somos nós? É cada um de nós que escolhe a sua própria realidade. Ai de mim! Também isto é demasiado simplista, razão pela qual o seu desejo de manifestar um BMW para si próprio não funciona normalmente.

Há aqui um paradoxo. Suponhamos que você e o seu amigo se aproximam de um semáforo "quântico" com duas facetas possíveis, vermelho e verde. Sendo pessoas ocupadas, ambos querem o verde, mas quem é que pode escolher? Se ambos puderem escolher, obviamente que haveria um pandemónio. Ou talvez sejam como a mulher de Hollywood que encontra uma amiga no Sunset Boulevard e a leva a tomar um café para falarem. Durante o café, ela começa a falar e após uma hora diz: "Oh meu Deus, tenho estado a falar de mim durante todo este tempo. Vamos agora falar de si. O que pensa de mim"? Para esta mulher, a única consciência do mundo é a dela, e ela é sempre a escolhida. Tais pessoas são chamadas solipsistas.

Mas o solipsismo não é obviamente a resposta ao nosso paradoxo. Mudou a pergunta: "Quem pode escolher?" para: "Quem pode ser o chefe solipsista da situação? Não mais do que isso. O paradoxo permanece.

A solução autêntica é esta: A escolha da consciência não local não somos nós no nosso ego comum, mas uma consciência "transcendente" que é tanto nós como para além de nós, tanto transcendente como imanente.

Faz sentido, não faz? E mais. Esta não localidade da nossa escolha da consciência é uma ideia experimentalmente verificável. De facto, esta não-localidade foi verificada por cinco experiências diferentes de cinco grupos diferentes em cinco laboratórios diferentes, todos mostrando a transferência directa (sem sinais) da actividade eléctrica do cérebro de um sujeito para outro quando os sujeitos são correlacionados através da intenção meditativa. Isto é relatado em "Deus Não Está Morto".

Assim, a evidência científica para Deus e a eficácia causal de Deus já se encontra aqui. A evidência é definitiva porque a não localização nunca pode ser simulada por interações materiais que ocorrem sempre através do intermediário de sinais.

Esta não é a única evidência. A escolha de Deus é criativa e manifesta-se na nossa experiência criativa através de saltos quânticos descontínuos, semelhantes ao salto dos electrões de uma órbita atómica para outra, sem passar pelo espaço interveniente. As experiências criativas são subjectivas, diz o senhor. Não quando tais saltos curam uma pessoa de uma doença que ameaça a vida, um fenómeno chamado cura quântica, para o qual existem muitas provas.

Evidências objectivas para tais saltos quânticos criativos também aparecem na evolução biológica e explicam os fenómenos enigmáticos das lacunas fósseis (ou ligações em falta) que o darwinismo não consegue explicar.

E que tal *corpos subtilis*? Se a matéria consiste em ondas de possibilidade de escolha da consciência e a escolha consciente leva à nossa experiência de detecção, então faz sentido postar que as nossas experiências internas são também devidas à escolha consciente de domínios subtilis de possibilidades quânticas. Como o psicólogo Carl Jung primeiro codificou, temos quatro tipos de experiências: sentir, sentir, pensar, e intuir. Desta forma, devem existir quatro compartimentos diferentes de possibilidades conscientes; o físico que sentimos, as energias vitais que sentimos, o significado mental que pensamos, e os arquétipos supramencionados - nós intuimos.

As evidências empíricas dos *corpos subtilis* abundam na saúde e cura, nos sonhos, no fenómeno da morfogénese biológica, na sobrevivência após a morte e reencarnação, só para citar alguns.

Mais uma vez, as provas científicas para Deus já estão aqui, portanto, o que devemos fazer a esse respeito? Por um lado, devemos levar a sério os mestres religiosos e prestar atenção à ética. Os valores - o amor, a beleza, a justiça, a verdade e o bem - de que a ética fala, são o que intuimos. E existem muitas provas (por exemplo, nos fenómenos dos sonhos, criatividade e reencarnação) da importância e validade da ética tal como discutido no meu livro "Deus Não Está Morto".

E mais. Quando reconhecemos que a teoria de evolução contínua de Darwin é incompleta e a complementa com os saltos quânticos criativos descontínuos, descobrimos uma coisa espantosa. A direcção da evolução biológica, de organismos

simples a complexos, pode ser explicada. Evoluímos da simplicidade para a complexidade, para podermos manifestar cada vez melhor as nossas experiências dos domínios subtis das possibilidades. Em particular, neste momento estamos a evoluir no sentido de manifestar cada vez melhor as nossas qualidades divinas.

Disse o filósofo jesuíta Teilhard de Chardin "Um dia aproveitaremos . . . as energias do amor". Teilhard estava certo. Esse dia não está muito distante.